

Escravismo e as Sagradas Escrituras

Slavery and the Holy Scriptures

José Carlos Moreira¹

Resumo: Este artigo buscou discutir às questões que envolvem o escravismo histórico ocorrido entre os séculos XVI e XIX de nossa era nas Américas em relação às Escrituras Sagradas, ainda que tardiamente a Igreja tenha contribuído para que a escravidão fosse finalmente compreendida como um sinal de atraso civilizatório. Refletir sobre as teorias evolucionistas que deram suporte à probabilidade de diferenciação por classes na raça humana, algumas superiores e outros inferiores no que diz respeito à evolução física e cultural utilizadas para caracterização da ideia do “escravo” surgidas durante o século XVIII de nossa era, com consentimento da Igreja. Algumas dessas teorias, por exemplo, diziam que representantes da raça considerada superior, detentores de alta tecnologia, poderiam dominar outras raças pelo simples “desejo de poder”, independentemente da moralidade por entender situar-se “acima de bem e do mal”. Para tanto, foi utilizado o método crítico histórico da pesquisa, numa interpelação entre história e teologia que envolvesse ciências sociais e humanas; delimita-se, esta pesquisa, nas diferenças entre a escravidão na Antiguidade e na Modernidade.

Palavras-Chave: Escravidão – Maldição – Senhorio – Liberdade.

Abstract: This article sought to discuss the issues surrounding historical slavery between the sixteenth and nineteenth centuries of our Americas in

Artigo recebido em: 30 de março 2021

Aprovado em: 26 de abril de 2021

¹ Graduado em Bacharel em Contabilidade - Faculdade de Ciências Contábeis e Administração Guerreiro de Brito (Soc. Ed. Prof. Nuno Lisbôa); Pós-Graduado – MBA: Contabilidade e Auditoria (Universidade Federal Fluminense- Uff); Graduado em Bacharel em Teologia – Faculdade Batista do Rio de Janeiro-RJ (Seminário Batista do Sul do Brasil); Contador na Companhia Estadual de Águas e Esgotos – CEDAE; Voluntário em Ações Social pela Sociedade Bíblica do Brasil (Luz do Sudeste); Presbítero na Igreja Evangélica Cristo Vive; Missionário pela Missão Cristã Europeia Brasil (MCE).

relation to the Holy Scriptures, even though the Church has belatedly contributed to the fact that slavery was finally understood as a sign of backwardness civilizing. Reflecting on the evolutionary theories that gave support to the probability of differentiation by classes in the human race, some superior and others inferior with respect to the physical and cultural evolution used to characterize the idea of the "slave" arisen during the century XVIII of our era, with the consent of the Church. Some of these theories, for example, said that representatives of the race considered superior, holders of high technology, could dominate other races by the simple "desire of being able", independently of the morality for understanding to situate "above good and evil." For this, was used the critical historical method of research, in an interpellation between history and theology involving social and human sciences; this research is based on the differences between slavery in antiquity and modernity.

Keywords: Slavery – Curse – Lordship – Freedom.

Introdução

Comercialização de escravos existe desde séculos anteriores à era cristã. Desde as primeiras sociedades humanas. Era algo bastante comum durante os períodos das antigas civilizações²

Antes do livro do Gênesis ser escrito já existiam leis que regiam o serviço de pessoas em condição inferior, como escravo, nas diversas culturas sociais. Entre os assírios, egípcios, judeus, persas, gregos, romanos, em toda África e entre outros povos da antiguidade têm-se notícias de sociedades escravocratas em suas épocas; por exemplo.³

Evidências de práticas escravocratas nas primeiras civilizações foram encontradas em alguns fragmentos de monumentos arqueológicos como o de Hamurabi⁴ (1792 – 1750 a.C.). Sexto rei da primeira dinastia da Babilônia que promulgou um conjunto de leis (Código de Hamurabi) onde se destaca a lei a respeito de escravos.⁵

² KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento – Vol. I*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 60.

³ THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel na Época Pré-Estatal*. Sinodal: São Leopoldo, 1993, p. 99-113.

⁴ Segundo MERRILL, Eugene H., Viveu cerca de trezentos anos depois de Abrão. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 26.

⁵ BUENO, Manuel Carlos. *Código de Hamurábi, Manual dos Inquisidores, Lei das XII Tábuas, Lei de Talião*. Leme: CL Edijur, 2012, p. 7.

Foram encontradas também nas tábuas de Alalakh (cidade da idade do bronze recente, cerca de 1550 – 1200 a.C.) na Síria. Confirma que o serviço escravo é anterior à existência de Moisés.⁶

É o caso, por exemplo, de Sarai, senhora de uma escrava egípcia de nome Agar que deu Ismael como primogênito de Abrão. Supõe-se, portanto, que Abraão e Sarai conheciam a lei (Gn 16.3).

Nessa época, mais especificamente em relação à mulher, havia dois tipos de escravas: a escrava pertencente ao marido e a escrava virgem (camareira particular da esposa do marido).⁷

As escravas camareiras eram moças não livres dadas à esposa pelos seus pais como presente de casamento. A esposa detinha todos os direitos sobre sua camareira. Era comum, quando a esposa se descobria estéril, entregar sua camareira escrava ao esposo para que gerasse filhos os quais seriam considerados filhos da senhora da escrava.⁸

Outra evidência de fatos como esses está nas tabuletas encontradas em Ugarite⁹, cidade influenciada pela cultura Cananea¹⁰, na qual revela que escravos e escravas eram contados entre objetos de valor e podiam ser ofertados de presente ou vendidos.¹¹

De todos os senhores de escravos, o rei era quem possuía o maior número de escravos e escravas.¹²

Uma escrava poderia possuir bens como casas, campos etc. À escrava existia também a possibilidade de alcançar sua alforria — liberdade concedida pelo senhor ao escravo — e ao casar-se com o seu senhor ou quando dada em casamento a um alto integrante da corte imperial, tinha direito a posses que levavam consigo em caso de despedida.¹³

No período helênico, embora os gregos tivessem um forte senso de dignidade pessoal e de liberdade¹⁴ o comércio de compra e

⁶ THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel na Época Pré-Estatal*. Sinodal: São Leopoldo, 1993, p. 33.

⁷ **Id., ibid.**, p. 111.

⁸ **Ibid.**

⁹ De acordo com PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howar F.; REA, John. É atualmente Ras Shamra, situada ao norte de Latáquia na Síria. Era a cidade mais próxima de Chipre. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 1649.

¹⁰ **Ibid.**, p. 355.

¹¹ THIEL, Winfried. **op.cit.**, p. 33 - 44.

¹² **Id., ibid.**

¹³ **Ibid.**

¹⁴ MACARTHUR, John. John. *Escravo: a verdade escondida sobre nossa identidade em Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 42.

venda de escravos para trabalhos na agricultura e na produção de bens não era controverso.¹⁵

Durante o Império Romano não foi diferente, pois este também manteve sua estrutura de desenvolvimento de produção sustentada pela mão de obra escrava nos moldes do período.¹⁶

Todavia, embora tendo seus direitos reduzidos, escravos tanto podiam obter propriedades como lhes era permitido fazer reclamações judiciais contra seu senhor.¹⁷

No século I houve expressiva diminuição no comércio de compra e venda de escravos.¹⁸

Entretanto, a escravatura jamais foi extinta e, em tese, dificilmente será enquanto existir alguém em condições análoga à escravidão;¹⁹ enquanto houver no mundo quem a fomente.²⁰

1. Escravidão nas civilizações modernas europeias

O entreposto de escravos ressurgiu com o período das grandes navegações – em 1456, portugueses exploram a Guiné e o Congo; em 1460, Cabo Verde fornece os primeiros escravos para América e Europa²¹; em 1492, Cristóvão Colombo chega a São Salvador – gerando entre os europeus certo tipo de cobiça quanto ao domínio de nações africanas e do Novo Mundo.²²

A consequência foi que com as colônias distantes do continente fez com que o interesse para extração de metais preciosos

¹⁵ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento – Vol. I*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 60-61.

¹⁶ **Id., ibid.**

¹⁷ **Ibid.**

¹⁸ MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Jesus e Paulo: Vidas paralelas*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 49.

¹⁹ <<https://g1.globo.com/economia/noticia/lista-suja-do-trabalho-escravo-so-sera-divulgada-apos-determinacao-de-ministro-preve-portaria.ghtml>> Por Laís Lis, G1, Brasília. Acesso em: 16/10/2017.

²⁰ <<https://www.revistaforum.com.br/mauritania-um-estado-escravagista-na-africa-com-apoio-internacional/>> Por New Internationalist/tradução: Vinícius Gomes. Acesso em 16/10/2017.

²¹ https://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/africa/2009/2/13/Cabo-Verde-nasceu-como-entreposto-comercio-escravos. Agência Angola Press. África/Escravidão. Acesso em 16/10/2017.

²² GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa – vol. 2*. Vida Nova: São Paulo, 2011, p. 147.

e produção agrícola propiciasse um conjunto de ações capazes de dinamizar o escravismo europeu.²³

Alguns teólogos vão dizer que esse conjunto de ações revelou-se ao mundo com um dos males sem precedentes que a cobiça pelo poder pode estimular. Porém, não se pode afirmar que a visão do escravismo europeu seja o retrato geral da escravatura na história da humanidade.²⁴

Daí à reflexão de apontarem que irrefletidamente, as elites sociais dessa época proporcionaram os mais variados crimes hediondos sob o argumento de evangelizar pagãos e ensinar a cultura e religião europeia.²⁵

Afirmam que enquanto as Igrejas Reformadas, recém-nascidas, se preocupavam economicamente com sua sobrevivência; a Igreja Romana preocupada com a expansão protestante dedicou-se as missões evangelizadoras e; os Impérios, com a exploração das terras colonizadas.²⁶

Interpretações distorcidas de algumas narrativas bíblicas relacionadas à inter-relação dos povos beirou à bestialidade²⁷. Levantaram-se dúvidas quanto à alma do escravo e fez crescer o medo caso, conhecendo serem tão dignos quanto os europeus, se rebelassem.²⁸

As consequências avançaram no campo das ciências naturais, genéticas e de políticas higienistas onde várias teses racistas científicas e ações diziam “que os seres humanos não foram sempre iguais” que, aplicado à Bíblia, gerou caos social.²⁹

Especialistas em anatomia, dividiram a raça humana em cinco tipos diferentes: caucasiano branco, malaio, americano, etíope e mongol.³⁰ Afirmavam que os tipos de raça etíope e mongol, de todas,

²³ GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa – vol. 2*. Vida Nova: São Paulo, 2011, p. 152-153.

²⁴ **Ibid.**, p. 153.

²⁵ **Ibid.**

²⁶ CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Vida Nova: São Paulo, 2008, p. 328-329.

²⁷

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111201_galeria_shows_etnicos_df.shtml> - Acessado em 25/03/2018.

²⁸ GONZÁLEZ, Justo L.. **op.cit.**, p. 194-195.

²⁹ **Id.**, **ibid.**, p. 416.

³⁰ PIPER, John. *O racismo, a cruz e o cristão: a nova linhagem em Cristo*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 248.

são as mais inferiores. O americano, na visão desses especialistas, é a raça intermediária; e o caucasiano branco, raça superior.³¹

A Europa era economicamente dependente da força braçal. Sacerdotes tanto da Igreja Romana quanto das Reformadas diligentemente ensinavam aos negros as “virtudes” de suas condições escrava, de modo que a autorização eclesiástica para evangelização de pagãos resultou em álibi à escravidão.³²

Outras pesquisas no mesmo sentido apareceram. Numa delas, antropométrica, determinava pelo fenótipo quais raças eram superior ou inferior. Sua definição se dava por traços ou caracteres físicos, principalmente pela forma do crânio (o peso do cérebro e à capacidade do crânio).³³

Hoje o consenso é que conceitos sobre subdivisão da raça humana não possuem fundamento teológico, nem apresentam cientificidade comprovada.³⁴

Entretanto, textos bíblicos foram forçados à afirmação dos costumes e valores culturais europeus.³⁵

À medida que as sociedades foram evoluindo moral e tecnologicamente, os proprietários de escravos do século XIX evitavam a abolição para discutir fundamentos teológicos ou filosóficos que não condenasse a condição infernal de vida do escravo, cuja relação econômica tinha como objetivo à exploração máxima de sua força de trabalho para produção de bens. Se convenciam como sendo da vontade divina a vida de sofrimento dos escravizados.³⁶

O processo de tomada de consciência da escravatura como uma calamidade na história da civilização foi lento e gradativo. Não significa que o fim do escravismo nas civilizações moderna foi resultado da consciência universal sobre dignidade humana; não.

³¹ PIPER, John. *O racismo, a cruz e o cristão: a nova linhagem em Cristo*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 249.

³² GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa – vol. 2*. Vida Nova: São Paulo, 2011, p. 383-384.

³³ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2017, p. 377-379.

³⁴ MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Departamento de Antropologia - USP

³⁵ GONZÁLEZ, Justo L.. **op.cit.**, p. 386-387.

³⁶ BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*. São Paulo: Grijalbo, 1977, p. 9 – 10.

Não foi uma atitude repentina de amor aos negros por parte das elites.³⁷

A Revolução Industrial; foi à razão do fim do tráfico de escravos. Eis o diferencial cujo interesse era à produção e a circulação de bens em uma sociedade que possibilitasse a compra e venda da produção industrial.³⁸

Foi com esse intuito que se iniciou gradativamente movimentos liderados principalmente na Inglaterra que declarava a escravatura contrária aos ensinamentos de Jesus.³⁹

Em 13 de maio de 1888, depois de sancionada a Lei Áurea, causou a D. Pedro II (1825 – 1891), Imperador do Brasil, inimizade de parte considerável de proprietários rurais que resultou no fim do regime de governo monárquico brasileiro, em 1889.⁴⁰

Todavia, a questão do negro, continuou sendo não apenas um problema racial; mas, também, de ordem social.⁴¹

Na antiguidade, escravo tinha ver com o estado de servidão proveniente, sobretudo do despojo de guerra ou dívidas com seu credor. Em outras situações a pessoa tornava-se escrava para obter posição de influência na sociedade se seu dono fosse proeminente senhor. Era um panorama diferente, qualquer pessoa podia ser dono de escravos, tanto quanto poderia vir um dia tornar-se escravo.⁴²

Mas, nas civilizações modernas europeias o escravo passou a ter cor. Sua humanidade esteve sonogada e atestada por juristas, filósofos e teólogos.⁴³

A Europa, berço do cristianismo, enxergou necessidades no sentido da existencia de personagens bíblicos com traços ou semelhanças à condenação de vida infernal vinculada à cor de pele negra.⁴⁴

2. A tese Caim

³⁷ GONZÁLEZ, Justo L.. **op.cit.**, p. 400.

³⁸ GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa – vol. 2*. Vida Nova: São Paulo, 2011, p. 406.

³⁹ **Ibid.**

⁴⁰ **Ibid.**, p. 410.

⁴¹ CARSON, Clayborne. *A auto biografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zonar, 2014, p. 315-319.

⁴² KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento – Vol. I*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 61.

⁴³ GONZÁLEZ, Justo L.. **op.cit.**, p. 156.

⁴⁴ BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*. São Paulo: Grijalbo, 1977, p. 64 - 65.

Caim é o primeiro filho de Adão e Eva (Gn 4.1).

Teologicamente, Caim é fruto da corrupção de Adão. O pecado original de Adão e Eva teria afetado Caim e seus descendentes, e a morte, consequência do mal, alcançou toda a linhagem de Adão e Eva, justos e injustos. Nem o dilúvio foi capaz de reparar a corrupção da humanidade e transformar a condição da vida humana que a queda acarretou. Todas as desventuras da raça humana tiveram início em Caim. Ele é o primeiro opressor que se conhece na Bíblia, trouxe consigo a inveja, a opressão entre irmãos e o primeiro homicídio (Gn 4.1-5; 5).⁴⁵

Opressão é “sujeição imposta pela força ou autoridade; tirania, jugo; constrangimento ou pressão moral; coação, humilhação, vexame” pelo homem.⁴⁶

E, embora o homem tenha sido criado à imagem e semelhança, por mais que deseje, não é Deus (Sl 8.6).

Mas, não significa que do ventre de Eva nasceram duas classes de pessoas que teria dividido a humanidade (“os criminosos e os justos”) (Gn 2.16-17).

Todavia, Caim não é, nem nunca foi, nem física e nem espiritualmente o representante para determinada raça ou sub-raça humana, (Gn 1.27).

O cristianismo entende que o problema do homem é uma disposição geral para o mal (Sl 14.1-3); mal não de determinado tipo de raça humana.⁴⁷

Alguns teólogos sugere que por causa da desobediência, o mal afetou o primeiro casal; dizem que com o nascimento de Caim, Eva se sentiu como quem estivesse criado o homem, sentiu-se como o próprio Deus porque persistia nela, ainda, o desejo que a levou junto com seu companheiro à rebelião contra as ordens de Deus e querer ser deus.⁴⁸

A vida humana é nada, “é apenas sopra” (Sl 39.6).⁴⁹

Humanamente, não se pode investigar como o assassinato de Abel poderia ser evitado, não é possível questionar o Criador; não há

⁴⁵ WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J.. *Comentários do Antigo Testamento: GÊNESIS*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 122.

⁴⁶ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

⁴⁷ KRAUSS, Heinrich; KUHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1 – 11*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 145.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 146.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 147.

explicação racional à vontade soberana de Deus em agradecer-se de um e não do outro (Gn 25.23).⁵⁰

Caim supõe-se, não concordou com a livre e soberana vontade de Deus. Foi um assassinato premeditado, consciente (Gn 4.6 -7).

“Caim ficou muito irritado e com seu rosto abatido”, consequência de seu fracasso (Gn 4.5b).

Espiritualmente, toda pessoa é advertida em seu coração das consequências que sua atitude pode acarretar; é advertida para “tentação que ameaça uma alma” (Gn 4.7) e é instigada a levantar a própria cabeça e atentar para o mal que lhe atrai à opressão de outrem. No mundo material, às sociedades humana devêm respeito à vida, uma vez que o êxito e o fracasso faz parte do universo humano desde o aprendizado bíblico de Caim e Abel.⁵¹

A Bíblia mostra Caim conscientizado do seu fracasso e sua lamentação é como do opressor que tem consciência divina e social do bem e do mal (Gn 4.7).⁵²

Qualquer pessoa ou um grupo de pessoas, inclusive sociedades pode experimentar crescimento ou fracasso, pode ser bem-sucedida ou não. Isso não deveria ser olhado por justiça ou injustiça. Bênção é um atributo divino que deveria ser motivo de confraternização entre agraciados ou não, não de inveja. O desfavor de Deus não justifica a ausência de atitudes de amor, que gera ódio.⁵³ Todo humano “é visto como irmão” um do outro.⁵⁴

A atitude de Caim é individual contra seu irmão. Deus não estava com ele na ação. Mas, Deus o havia advertido a superar suas frustrações com dignidade e também as diferenças, ou seja, de algum modo, a Bíblia mostra que, Caim deveria ou poderia evitar o crime que cometera.⁵⁵

O crime foi intencionalmente premeditado. Nota-se pela arrogante resposta, quando inquirido por Deus sobre onde seu irmão estaria, a qual Caim responde: “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?” (Gn 4.9).

Caim foi amaldiçoado por ter assassinado seu irmão (Gn 4.11).⁵⁶

⁵⁰ WESTERMANN, Claus. *O Livro do GÊNESIS: Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 51-52.

⁵¹ WESTERMANN, Claus. *O Livro do GÊNESIS: Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 52.

⁵² **Ibid.**, p. 54.

⁵³ **Ibid.**, p. 52-53.

⁵⁴ **Ibid.**, p. 55.

⁵⁵ KRAUSS, Heinrich; KUCHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1 – 11*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 149.

⁵⁶ WESTERMANN, Claus. **op.cit.**, p. 53 - 54.

Ele é mal desde o nascimento; causa do estado de queda, comum a todos os seres humanos, não apenas a Caim.⁵⁷

O banimento de sua terra para viver longe de seus parentes lhe cai como uma sentença de morte; pois qualquer que o encontrasse poderia, por vingança, também lhe tirar a vida.⁵⁸

Contudo, embora com reflexo nas pessoas próximas, a maldição sobre Caim foi individual e afetou unicamente a ele.⁵⁹

Enquanto ainda não havia a Lei mosaica e para que ninguém interferisse nas decisões de Deus, uma vez que “Deus usa os homens como agentes de sua vingança”⁶⁰, diz a Bíblia que Caim recebeu uma marca que foi tipo um sinal, mas um sinal protetor para que não fosse assassinado por vingança.⁶¹

Portanto, “o “sinal de Caim” ou a “marca de Caim” não se trata da epiderme não caucasiana do indivíduo, mas uma marca que o protege, identificando-o como membro expulso de um clã e para que não lhe ocorra por toda sua vida, a vingança do sangue” (Gn 4.15, 23, 24); é uma proteção divina contra o uso comum na época do Antigo Testamento da “lei da vingança de sangue” para não ser vitimado, “não um selo de vergonha”.⁶²

Antes da Lei, era permitido vingar o sangue (2 Sm 14.7) de um parente com a morte do assassino ou de um membro da família do assassino. Dentro da própria família não havia vingança de sangue, o castigo era a exclusão da comunidade. O exílio deixou Caim sem a proteção de seus próprios parentes; o motivo da marca; tornando-se “um fugitivo errante sobre a terra”. E, embora não tenha demonstrado arrependimento, Caim reconhece o peso de sua culpa e confessa que não suportaria ser durante toda sua vida perseguido de morte.⁶³

Sugere que o homem Caim é agressivo, ele mata, parece agir conforme sua consciência e aplica o castigo em si mesmo quando busca se esconder, tornando-se errante, um fugitivo. Enquanto seus pais foram removidos fisicamente da presença de Deus, Caim se

⁵⁷ **Id., *ibid.***, p. 54.

⁵⁸ WESTERMANN, Claus. *O Livro do GÊNESIS: Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 54.

⁵⁹ KRAUSS, Heinrich; KUCHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1 – 11*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 149 - 153.

⁶⁰ PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howar F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 2020.

⁶¹ WESTERMANN, Claus. **op.cit.**, p. 54.

⁶² KRAUSS, Heinrich; KUCHLER, Max. **op.cit.**, p. 153.

⁶³ **Ibid.**, p.149 - 153.

remove espiritualmente da presença de Deus, bem como de seus familiares. Mas, é impossível que se esconda da vista de Deus.⁶⁴

O castigo é individual e em nada está relacionado a algum tipo de vergonha, muito menos a cor da pele ou grupo étnico ainda que descenda por genealogia.⁶⁵

3. A tese Cam

Também há quem, desprovido de valor teológico, relacione a raça negra à maldição de Cam sob a justificativa da “nudez de seu pai” (Gn 9.22).

Esse entendimento fez com que latifundiários proprietários de escravos no Brasil, contemplassem como algo normal assistir seus negros executando trabalho braçal desnudado ou com poucas vestimentas por considerar o fato de que Canaã foi amaldiçoado em razão de seu pai ter visto a nudez de Noé.⁶⁶

Noé gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé (Gn 6. 9-12), e “a partir deles se fez o povoamento de toda a terra” (Gn 9.19b).

Cam é o “filho mais jovem” (Gn. 9.24b); teologicamente, no sentido de “ínfimo/indigno”.⁶⁷

Noé não era perfeito, mas foi o modelo de justiça e agradava a Deus por sua fé.⁶⁸

Os três filhos de Noé depois do dilúvio são a fonte de todos os outros habitantes deste mundo criado por Deus e se espalharam por toda a terra. Essa observação parece simplista, mas teologicamente preparou o terreno para o futuro em longo prazo das nações no mundo material.⁶⁹

Teologicamente, Noé “embriagou-se” não possui um sentido negativo. E “e ficou nu dentro de sua tenda” revela a pessoa exposta em sua intimidade e de modo privado, embora sujeita ao pecado e ao juízo divino.⁷⁰

⁶⁴ WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J.. *Comentários do Antigo Testamento: GÊNESIS*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 118-119.

⁶⁵ WESTERMANN, Claus. *O Livro do GÊNESIS: Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 53-54.

⁶⁶ BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977, p. 64 - 68.

⁶⁷ KRAUSS, Heinrich; KUCHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1 - 11*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 208.

⁶⁸ WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J.. *Comentários do Antigo Testamento: GÊNESIS*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 186-189.

⁶⁹ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos; volume 1*. São Leopoldo: Sinodal, 2015, p. 62 - 65.

⁷⁰ WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J.. **op.cit.**, p. 179-180.

Assim, alguns teólogos supõem que Cam desonrou seus pais ao relacionar-se sexualmente com a própria mãe.⁷¹

“Vi a nudez de seu pai” seria, então, eufemismo para incesto materno, ou seja, Cam teria tido relacionamento sexual com a própria mãe. Essa hipótese justificaria o fato de Canaã ter recebido a maldição de Noé, porque ele sabia que nasceria o fruto de sua desonra.⁷²

A consequência do ato libidinoso de Cam fez a história da raça humana na Bíblia entrar na problemática das etnias e hierarquias de domínio e sujeição trazendo diferenças entre pessoas, senhores e escravos, subtraindo do escravizado o direito sobre sua descendência.⁷³

A imoralidade de Cam foi à causa da maldição anunciada por Noé: “maldito seja Canaã! ...o último dos escravos!” (Gn 9.25).⁷⁴

4. Considerações finais e resultado

Interessante é que tanto Caim como Cam prestam culto e oferecem seus dízimos no altar do Senhor (Gn 4.3; 8.20).

Mas, Caim era uma pessoa astuta, propensa ao mal (Gn 3.1). Suas atitudes não condiziam com os frutos da luz (Ef 5.6-9); mas como um filho da perdição (Jo 17.12). A história bíblica de Caim mostra o estrago na família humana, mostra que o afastamento do Criador faz do homem cada vez mais opressor homicida.⁷⁵

Porque eram continuamente maus, as gerações cainitas desapareceram no dilúvio (Gn 2.5-7).

Contudo, o dilúvio não fez desaparecer nos sobreviventes a predisposição para o mal. O mal enraizou-se na humanidade. Cam, que foi quem cometeu o incesto não sofreu as consequências. Mas Canaã, fruto da suposta relação incestuosa entre seu pai e sua avó, sofreu.⁷⁶

De acordo com a Bíblia, Cam sem refletir sobre seu ato, conta aos irmãos sua proeza. Seus irmãos, movidos por senso moral fez o pai saber quando este se recuperou de sua embriaguez.⁷⁷

⁷¹ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O livro de GÊNESIS: Cadernos de estudo bíblico*. Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 56-57.

⁷² HAHN, Scott; MITCH, Curtis. p. 56-57 **et. seq.**

⁷³ KRAUSS, Heinrich; KUHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1 – 11*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 205-208.

⁷⁴ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **op. cit.**, p. 56-57.

⁷⁵ **Id.**, **ibid.**, p. 44.

⁷⁶ **Ibid.**, p. 56-57.

⁷⁷ WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J.. *Comentários do Antigo Testamento: GÊNESIS*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 179 - 180.

Portanto, desde o princípio reflexão e conscientização antes dos atos praticados vem sendo negligenciada. Quem oprime irrefletidamente apropria-se de valores cruéis e acredita no seu modo de visão de mundo como se fosse modelo de humanização.⁷⁸

Todavia, não restam dúvidas de que Cam é pai de Canaã (Gn 9.18c), cuja maldição proferida por Noé foi para que servisse a seus irmãos na condição de escravo (Gn 9.25).

A genealogia Cananeia inicia-se em Cam e seus filhos são: Cuxe (Etiópia), Mizraim (Egito), Pute (Líbia) e Canaã que “designa as terras baixas a oeste do Jordão, sobretudo a planície costeira (incluindo a Fenícia)”.⁷⁹

O resultado é que “não deve cultivar o ódio”, não existe cientificamente ou teologicamente nada que justifique a suposta “inferioridade” humana ou intelectual de tribo, grupo, povo ou nação.⁸⁰

Exemplo: as cananitas Tamar e Raab. Ambas geraram filhos diretamente ligado à genealogia de Davi, e consequentemente do Senhor Jesus Cristo (Gn 38.11-30; Js 2; Rt 4.18-22; Mt 1.3-16).⁸¹

Dentre os cananeus ainda tem Melquisedeque, rei de Salém (Gn 14.17), para confirmar que nem todo cananita era semente má, nem que todo israelita é, de fato, israelita (Jo 1.47; Rm 9.6).

Considerações finais

Portanto, os textos sagrado indicam que atitudes nefasta como de Caim e Cam não foram suficientes para prejuízo perpétuo de nenhum grupo de pessoas, povo ou nação. Foi individual e as consequências decorrem das próprias transgressões que um único indivíduo pratique.⁸²

Nas civilizações modernas europeias, africanos foram escravos por mais de quatrocentos anos sem dignidade humana. O legado para as gerações seguintes, pós abolição, foi à perpetuação do ódio racial, argamassa no muro que prejudica a igualdade de oportunidades sob a mesma sociedade; pois como disse o profeta

⁷⁸ RUBIO, Alfonso García. *UNIDADE NA PLURALIDADE: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 72.

⁷⁹ WESTERMANN, Claus. *O Livro do GÊNESIS: Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 101.

⁸⁰ CARSON, Clayborne. *A auto biografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zandar, 2014, p. 93.

⁸¹ STERN, David H.. *Comentário judaico do Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2008, p. 27.

⁸² KRAUSS, Heinrich; KUCHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1 – 11*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 209.

Isaías se referindo a escravidão israelita: “o egípcio é homem e não deus, seus cavalos são carne e não espírito” (Is 31.3a).⁸³

Nem sempre o escravismo foi motivo de controvérsia. Nem sempre foi vinculada a cor da pele. Não é preciso ir muito longe. Movimentos que deram início à evangelização no Brasil no século XIX eram abertamente defensores da escravatura com base na cor da pele. Igrejas da Reforma experimentavam tensões e conflitos culturais e étnicos por causa da escravidão negra quando a própria igreja romana já começava a pronunciar sua posição abolicionista. Quanto aos aspectos da escravidão nas Escrituras Sagradas consta que o Senhor Deus “de um só ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra” e “como homens livres, não usando a liberdade como cobertura para o mal” (1Pe 2.16). “Deus fez o homem reto, este, porém, procura complicações sem conta” (Ec 7.29).

Referências

- AgênciaAngolaPress.África/Escravatura<https://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/africa/2009/2/13/Cabo-Verde-nasceu-como-entrepuesto-comercio-escravos> - Acesso em 16/10/2017.
- <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111201_galeri_a_shows_etnicos_df.shtml> - Acessado em 25/03/2018.
- BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*. Grijalbo: São Paulo, 1977.
- CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Vida Nova: São Paulo, 2008.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos - vol 1*. Sinodal: São Leopoldo, 2015.
- GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa – vol. 2*. Vida Nova: São Paulo, 2011.
- HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O livro do Gênesis: Cadernos de estudo bíblico*. Ecclesiae: Campinas, 2015.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento – vol. I*. Paulus: São Paulo, 2005.
- KRAUSS, Heinrich; KUCHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1 – 11*. Paulinas: São Paulo, 2007.
- MARCUSSI, Alexandre Almeida. *Cativeiro e cura: experiências religiosas da escravidão atlântica nos calundus de Luzia Pinta*,

⁸³ GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa – vol. 2*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 386.

- séculos XVII – XVIII*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo (USP): São Paulo, 2015.
- MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Departamento de Antropologia – USP
- MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Jesus e Paulo: Vidas paralelas*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- <https://www.revistaforum.com.br/mauritania-um-estado-escravagista-na-africa-com-apoio-internacional/>> Por New Internationalist/tradução: Vinícius Gomes. Acesso em 16/10/2017.
- THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel na Época Pré-Estatal*. Sinodal: São Leopoldo, 1993.
- WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J.. *Comentários do Antigo Testamento: GÊNESIS*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- WESTERMANN, Claus. *O Livro do GÊNESIS: Um comentário exegetico-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- WILCKE, Claus. *Early Ancient Near Eastern Law A History of its Beginnings The Early Dynastic and Sargonic Periods*. Bayerische Akademie der Wissenschaften München, 2003.
- YAMAUCHI M., Edwin. “*Slaves of God*” - *Bulletin Of The Evangelical Theological Society*. Rutgers University. New Brunswick, N.J. 1966.